

Bancos credores adotam cautela e esperam definição de Bresser

Roberto Garcia
Correspondente

WASHINGTON — Funcionários dos bancos credores reagiram cautelosamente, ontem, diante da proposta de conversão de parte da dívida em títulos governamentais com vencimento a longo prazo. Nem William Rhodes, o presidente da comissão de 14 bancos que assessoram todos os credores brasileiros, nem seus porta-vozes dispuseram-se a fazer qualquer comentário a respeito.

Outros banqueiros, contudo, acharam que essa não devia ser considerada a posição oficial brasileira, pelo menos por enquanto. "Só vou levar a sério as propostas que forem oficialmente apresentadas pela delegação do governo quando ela vier negociar conosco em Nova Iorque", disse um membro importante da comissão de bancos credores do Brasil. Ele acrescentou que "afirmações feitas às carreiras em aeroportos não podem ser consideradas como definitivas". A mes-

ma fonte lembrou que ao abrir o último ciclo de negociações, no ano passado, o governo mexicano também tinha propostas sem precedentes. "Depois de conversarmos um pouco, contudo, deixamos claro até onde estávamos dispostos a fazer concessões. Realisticamente, o México adaptou suas pretensões a essa realidade", disse ele.

Interessados em criar um clima favorável para as negociações que deverão começar neste mês, os grandes bancos americanos estão evitando fazer qualquer coisa, agora, que possa endurecer a tática de negociação do governo brasileiro. Seus analistas advertem que vários *balões de ensaio* foram lançados até agora para sondar a receptividade dos mercados financeiros e logo depois abandonados, quando sua inviabilidade ficou demonstrada. A mesma coisa poderia acontecer também com a idéia da conversão de parte da dívida em títulos, esperam eles.

Além disso, os bancos estão confiantes muito na "injeção de realismo" que

Bresser Pereira e sua equipe receberão nos encontros com autoridades governamentais dos países credores na Europa e nos Estados Unidos, nos próximos dias. O ministro virá à capital americana para conversar com o secretário do Tesouro James Baker e, segundo várias fontes, ouvirá "alguns recados muito claros".

Os grandes bancos credores do Brasil não escondem seu desejo de que o governo Sarney suspenda a moratória, controle a inflação e reduza substancialmente o déficit público. Como acompanha de perto a situação política e econômica do país, eles entendem quão limitadas são as possibilidades de atendimento desse desejo. Na ausência de outras alternativas mais satisfatórias, parecem dispostos a esperar que as condições políticas fiquem mais propícias, possivelmente depois da aprovação da Constituição. "Enquanto isso tentaremos ser pacientes. Afinal, a paciência é uma das grandes virtudes dos credores", disse o vice-presidente de um grande banco nova-iorquino. (RG)